

CÓDIGO — UMA APRESENTAÇÃO

*Eduard Marquardt*¹



código. [Do lat *codice*, com mudança de declinação] *S. m.* 1. Coleção de leis. [...] 5. Norma, regra, lei. [...] 10. *Teor. Com.* Conjunto de regras por meio do qual mensagens são convertidas, de maneira convencionada e reversível, de uma representação para outra.²

Código é o título de um poema visual de Augusto de Campos, datado 1973 que, segundo Miriam Silvia Shwartz Brenner, em seu ensaio “‘Código’: leitura de um poema de Augusto de Campos”,

reabre a discussão de algumas questões fundamentais relacionadas aos movimentos de vanguarda dos anos 60, sobretudo ligados à Poesia Concreta. E aponta para a vinculação destas vanguardas a um tronco de tradição literária ligado à visualidade, cujas raízes remontam aos primórdios da civilização ocidental”.³

Afirmando que a literatura visual é praticada no Ocidente, com intermitências, desde pelo menos 300 anos a.C., Miriam Brenner parte para uma reflexão semiótica através de uma leitura diacrônica da palavra (C-O-D-I-G-O) e de outra sincrônica do desenho. A ensaísta se utiliza ainda das várias acepções do vocábulo para remeter “às funções da linguagem como mediadora do processo de comunicação”.

Não se trata de aqui continuar a análise ou reafirmá-la. Meu interesse consiste em fornecer a referência, também utilizando da conceituação dicionarística, mas não para ler *Código* como o poema de Augusto, e sim como a revista literária⁴ surgida no início da década de 70 que, ao que tudo indica, mostra-se como extensão de publicações anteriores: *Noigandres* e *Invenção*, revistas também literárias editadas na década de 60

¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da Língua Portuguesa. 2ª ed. RJ: Nova Fronteira, 1997, p. 425.

³ In *Magma*. São Paulo: USP, n. 2, 1995, p. 53.

⁴ Utilizo da concepção adotada por Maria Lucia de Barros Camargo (via José M. Otero), constante em seu ensaio “Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa”, In *Continente Sul/Sur* — Revista do Instituto Estadual do Livro. POA: n. 2, nov. 96, p. 113.

pelos três poetas responsáveis pela efetivação da poesia concreta no Brasil: Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. Nesse contexto, o que proponho é converter a mensagem, lendo *Código* como sinônimo de concreto, sendo que o confronto às demais acepções do vocábulo faz percebê-la como lei (via “Plano-piloto para poesia concreta”)⁵, como opressão às demais manifestações não abarcadas, como tentativa de detenção das estruturas criativas contemporâneas de produção e interpretação, numa década em que a ausência da afirmação *poesia concreta* opera como *código* para a sua institucionalização. Para tanto, utilizarei essencialmente os cinco primeiros números da publicação (ainda que com ausência do n. 1, devido à sua difícil aquisição), veiculados no período de 1975-1981.

A fim de explicitar alguns dados básicos, as informações que *Código* apresenta para a elaboração de uma ficha catalográfica são bastante escassas. Nesse sentido, a revista se estrutura apenas pela assinatura de Erthos Albino de Souza, editor, tendo por local de publicação Salvador, Bahia⁶. Tampouco apresenta periodicidade fixa.⁷ Houve circulação em algumas livrarias, mas de modo restrito.

Entre os autores que colaboram nos cinco primeiros números, destaco alguns mais frequentes: José Lino Grünwald, Antonio Risério, Paulo Leminski, Régis Bonvicino, Regina Silveira, Pedro Xisto, Duda Machado, Aldo Fortes, Lenora de Barros, Nelson Ascher, Vinícius Dantas, entre outros que, paralelamente, também possuíam trabalhos em publicações como *Poesiaem G* e *Através* (que têm por editores Lenora de Barros e Décio Pignatari, respectivamente); mas a presença que se destaca, repetitivamente, é a dos irmãos Campos e Décio Pignatari.

Sem proposta explicitada, *Código* tem a maior parte de suas páginas preenchidas com poemas que, quando não poemas dos autores antes citados, traduções/transcrições/revisões por eles feitas a partir de seus cânones (seus “paideumas”): William Blake, Sousândrade, Lewis Carroll, E. E. Cummings, Stéphane Mallarmé, Vladimir Maiakóvski, Ezra Pound, Patrícia Galvão, Oswald de Andrade. Encontram-se outros tipos de texto, que se configurariam como entrevistas, resenhas, ensaios; no entanto, sempre moldados numa “disposição poemática”. Quero com isso

⁵ CAMPOS, Augusto de (et al.). *Teoria da Poesia Concreta*. 2ª ed. SP: Duas Cidades, 1975, p. 156-8.

⁶ Essa curiosa descentralização do eixo Rio-SP se deve, simplesmente, pelo local onde reside Erthos Albino, e onde *Código* é impressa (Bureau Gráfica e Editora).

⁷ O n. 1 supõe-se ser de 1972/74; n. 2/1975; n. 3/1978; n. 4/1980; n. 5 e 6/1981; n. 7/1982; n. 8/1983; n. 9/1984; n. 10/1985; n. 11/1986; n. 12/1989-90. Quanto à tiragem, somente o n. 6 (edição especial) apresenta a cota 1000 exemplares.

dizer serem textos que, de alguma forma, se adaptam ao “Plano-piloto”, caracterizando uma estratégia para mantê-lo em ação, mesmo 20 anos após sua elaboração pelos fundadores do movimento concreto. Estes, por sua vez, constituem um conselho (auto-) editorial que, mesmo não assumido, mesmo sob o patrocínio de Erthos Albino (que também possui trabalhos publicados), parece exercer o controle da revista (nesse ponto, Augusto de Campos seria o responsável pelo convite aos colaboradores para a publicação dos trabalhos)⁸. Para exemplo desse crivo a que me refiro, constata-se na revista *Almanaque*⁹, na qual se lê em nota ao texto “Poesia para poetas (alegria dos que não sabem e descobrem)”, de Hector Olea:

O presente ensaio introdutório e versões do TAO T’CHING foram desenvolvidos a convite da publicação baiana *Código* n. 3. Dou-me a liberdade de pensar que foi pelo seu volume, e não pela sua substância, que ficou excluído de tão exclusiva revista.

Como se pode presumir, tratava-se um texto não adaptável.

Quanto aos autores que são trazidos de volta à cena (que, aliás, ocupam boa parte das páginas da revista), são sempre os que, de alguma maneira, trabalharam a linguagem experimentalmente, e por isso, também previstos pelo “Plano-piloto”: é o caso de Pound, Cummings, Maiakóvski, Joyce, Oswald de Andrade.

A divulgação dos “outros concretos”,¹⁰ sempre paralela às produções de Augusto, Haroldo e Décio, apresenta-se como amostragem das influências do movimento, numa tentativa de constituir escola literária. É neste ponto que vejo a necessidade de se questionar a presença de *Código* como publicação que, mesmo 20 anos após o lançamento da poesia concreta, tenta manter-se uma produção de vanguarda. Para desempenhar esse papel, creio haver uma tentativa de desorientação do leitor (a falta de referências), a exemplo de que capa e demais páginas não se diferenciam: se a capa, muitas vezes, é um poema concreto (em tese, visual), teríamos a possibilidade de várias capas a partir do conteúdo das demais páginas, ou de uma publicação sem capa. Não parando por aí, constata-se a ausência de numeração das páginas, de forma a não “sujar” os trabalhos, ou seja: a não inserção de um código

⁸ Essa informação provém de uma conversa informal com Cleber Teixeira, também colaborador de *Código*, a quem quero firmar meu sincero agradecimento por sua valiosa contribuição para a elaboração deste artigo.

⁹ N. 13. SP: Brasiliense, 1981, p. 61. A ênfase na citação é minha.

¹⁰ Expressão utilizada por Carlos Ávila no texto “Poesia Concreta 1956/1986”, n. 11 de *Código* (1986, s/p), dedicado ao quadragésimo aniversário do movimento.

contrário aos códigos poemáticos (aqui também se levando em conta o espaço em branco como agente estrutural do poema).

Também é perceptível em *Código* (na verdade, em nível de todo o concreto) a imposição de uma autoridade poético-discursiva, no sentido de estabelecer novas leis para a produção literária, de estabelecer cânones e, paralelamente, de estabelecer-se como cânone, fazendo dos irmãos Campos e Décio Pignatari referência no que diz respeito a qualquer assunto literário nacional, no que concerne à definição da contemporaneidade literária. Verifica-se ainda uma autoridade da estética (a estética como necessidade, como “possibilidade da estrutura” — um dos lemas concretos) como pedagogia para ela mesma, a fim de educar as técnicas da imprensa e as demais manifestações do mercado editorial e publicitário.

Código, em suma, se constitui como uma revista epigonal, à medida em que se predispõe a continuar registrando uma produção apoiada em um ideário bastante anterior. Trata-se de tentar manter o concreto em voga, pressupondo-se como veículo experimental, ainda que trazendo praticamente nada de novo em relação às produções anteriores. A desorientação paralelamente à acentuada atenção para o dispor estético seriam sensíveis sinais para a tentativa de uma produção vanguardista, quiçá mais um *revival* do movimento. Essa idéia pode, de fato, ser verificada nos primeiros números. Contudo, Código parece funcionar apenas como um arquivo para registros, como álibi para a crítica de esgotamento da poética concreta. Um panegírico da “trindade concreta” à sua produção, estruturando-se pelos trabalhos discípulos que, sem exagero de minha parte, parecem louvar o prestígio dos três poetas-mor.